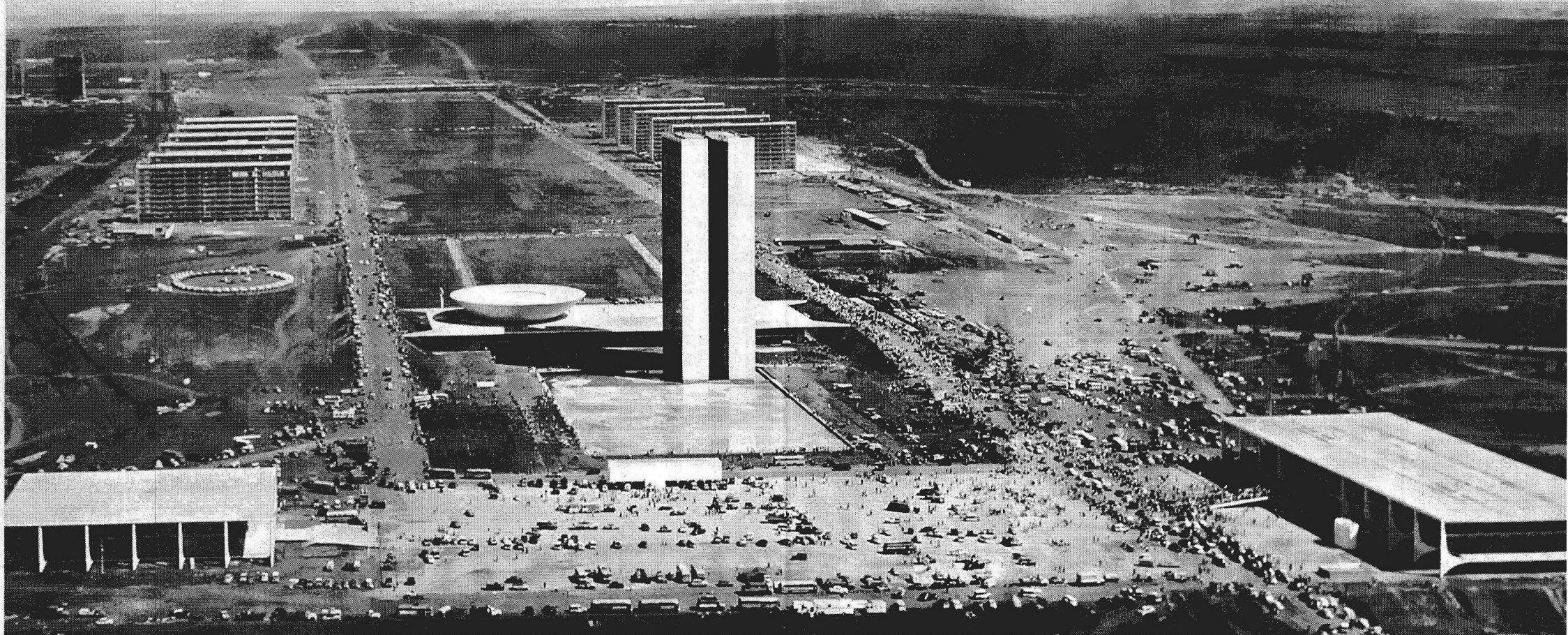




Fotos: APDF/Reprodução

PODER DIVIDIDO

» CONCEIÇÃO FREITAS

"(...) destacam-se no conjunto os edifícios destinados aos poderes fundamentais que, sendo em número de três e autônomos, encontram no triângulo equilátero, vinculado à arquitetura da mais remota antiguidade, a forma elementar apropriada para contê-los. Criou-se então um terrapleno triangular, com arrimo de pedra à vista, sobrelevado na campina circunvizinha a que se tem acesso pela própria rampa da auto-estrada que conduz à residência e ao aeroporto. Em cada ângulo dessa praça — Praça dos Três Poderes, poderia chamar-se — localizou-se uma das casas, ficando as do Governo e do Supremo Tribunal na base e a do Congresso no vértice, com frente igualmente para uma ampla esplanada."

Lucio Costa no Relatório do Plano Piloto de Brasília

Agora dos gregos era o ambiente urbano da celebração coletiva. Era o lugar, como escreveu Richard Sennett, "onde reinava a harmonia entre a carne e a pedra". A praça mais importante de Brasília é uma ágora em forma de triângulo equilátero cujos três vértices são o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal. O desenho geométrico só é visível do alto. É um corte imaginário ligando pontos arquitetônicos.

Como no país que fundou a democracia, a Praça dos Três Poderes se oferece simbolicamente ao povo. Para consagrar o espaço ao exercício democrático, Lucio Costa levantou o terreno em declive para consagrar, como quem estende "a palma da mão", expressão dele, à cidade. Houve ainda uma terceira intenção: o de suavizar o contraste entre a interferência urbana da nova capital e vastidão do cerrado virgem.

Fosse respeitada a localização escolhida por Lucio Costa, a praça (e portanto, todo o Plano Piloto) estaria muito mais longe da margem do Lago Paranoá. Por sugestão do presidente do júri que escolheu o projeto, o inglês William Holford, a Novacap empurrou toda a cidade 700 metros para mais perto do futuro lago. "Na localização original, a praça seria na altura do que é hoje a ligação da L2 Norte com a L2 Sul", esclarece Francisco Lauande Junior, professor de arquitetura da Universidade Católica de Brasília e autor de *Brasília, a Praça dos Três Poderes*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília.

Pode-se dizer que a Praça dos Três Poderes é uma obra de dois — Lucio Costa e Oscar Niemeyer. O projeto urbanístico é do primeiro. Coube a Niemeyer desenvolver a ideia a partir dos croquis apresentados no concurso do Plano Piloto. "A praça é o resultado da interpretação da ideia de um arquiteto por outro — uma obra de urbanismo e arquitetura", escreveu Lauande.

Quem observar com cuidado os croquis de Lucio Costa verá que, num dos vértices do triângulo da Praça dos Três Poderes, há um quadradinho com uma bolinha em cima. É o esboço do que o arquiteto imaginava para o Congresso Nacional, um prédio vertical e uma cúpula horizontal. Niemeyer respeitou a intenção do urbanista, mas duplicou a edificação. O anexo passou a ter duas torres, de 28 andares, e projetou duas cúpulas (a Câmara dos Deputados e o Senado). Houve também uma troca de lugar: o STF passou para o lado sul e o Palácio do Planalto para o norte. Lauande explica que a decisão de Niemeyer pretendia dar mais segurança ao presidente da República, visto que do lado norte há uma pista de acesso ao Palácio da Alvorada e à Avenida das

Nações. Os prazos eram curtíssimos e as tarefas, demasiadas. Ainda assim, observa Francisco Lauande, Niemeyer conseguiu desenvolver o projeto de Lucio Costa sem desprezar os traços essenciais da intenção do autor.

Estranha-se, ainda hoje, que a praça mais importante da cidade fique num ponto extremo, "principalmente — escreve Lauande — pela população que guarda no seu imaginário a localização das praças em áreas mais centrais da cidade". Mas não se trata de uma invenção de Lucio Costa. As praças da Concórdia, em Paris; a do Comércio, em Lisboa; a Praça XV, no Rio de Janeiro; e a praça de Porto Seguro, na Bahia, além de uma forma semelhante, "têm uma franca relação com a natureza do mar". Em vez dele, o cerrado, como identifica o professor de arquitetura Antônio Carlos Carpintero, orientador da dissertação de Lauande.

De todo modo, a praça projetada era cortada pelo Eixo Monumental. "Na ideia do Lucio, o automóvel iria conviver com o pedestre. O carro reduziria a velocidade, passaria por dentro da praça e continuaria o caminho. Oscar mudou isso. Preferiu interromper o trânsito e deixar o retângulo (a praça propriamente dita) livre para pedestres", comenta Lauande. Esse corte criaria duas pracinhas, uma ao norte e outra ao sul.

Problema ético

Outra alteração feita antes mesmo da inauguração foi o projeto do Museu da Cidade (a edificação que sustenta o busto de Juscelino). A ideia, segundo o autor da dissertação, foi do próprio JK. Lauande considera que o volume retangular interrompeu a integração do Congresso com a praça. Outra inclusão foi a Casa de Chá, que, pela sua disposição a meio subsolo, não deturpou a ideia original. As esculturas da Justiça, de Alfredo Ceschiatti, e Dois Candangos, de Bruno Giorgi, encaixaram-se harmoniosamente no conjunto.

Passada a inauguração, começaram as modificações na praça. A primeira delas ocorreu no curto período em que o sucessor de Juscelino, Jânio Quadros, morou na cidade. A pedido da primeira-dama, dona Eloá, que não concebia uma praça sem pombos, pediu a Niemeyer um pombal. Com muita vontade (e não poucos palavrões), o arquiteto projetou a peça que a cidade conhece como Pregador de Roupas.

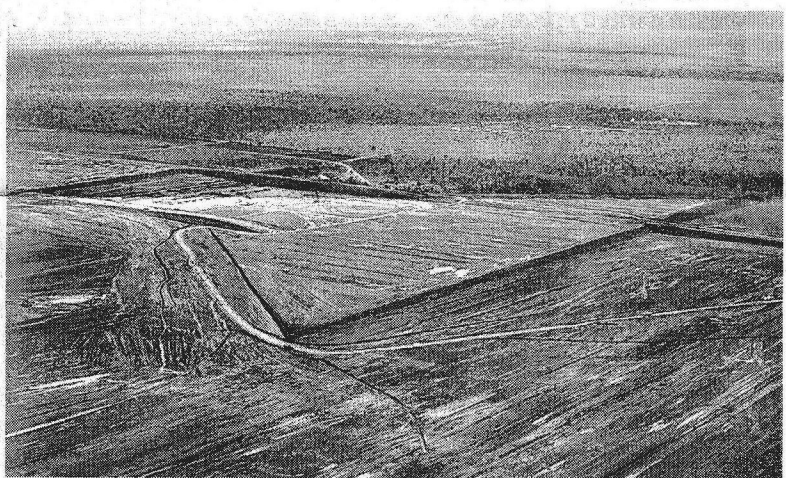
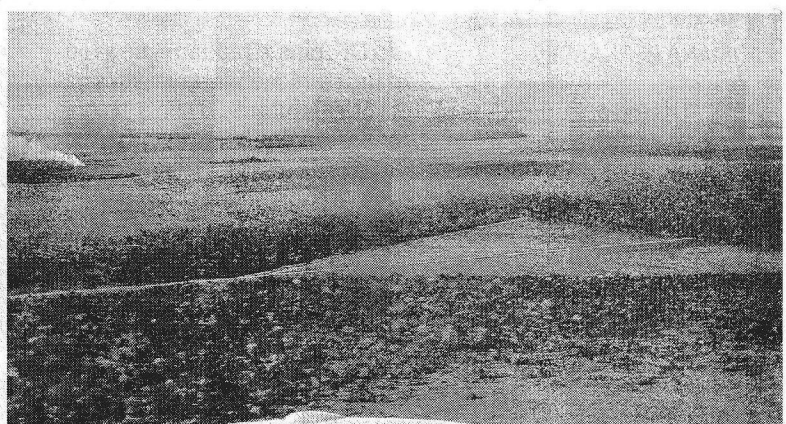
No período da ditadura, instalou-se na praça um monumento propositalmente maior do que as duas torres do Congresso, o Mastro da Bandeira, obra do arquiteto Sérgio Bernardes. "Aí já começa um problema ético. Ele não era o autor da praça. Não houve consulta, não teve anuência de

Lucio Costa", comenta Lauande. Quando o Brasil retomou o caminho democrático, surgiu um incipiente movimento para retirar o mastro dali e transplantá-lo em outro lugar. Os brasilienses reagiram à ideia. "A bandeira virou um marco da cidade."

No governo José Aparecido de Oliveira, no período de transição para a democracia, Oscar Niemeyer voltou a fazer projetos para a cidade. Um deles, o do Panteão, criou um obstáculo na paisagem. "A ideia do Lucio era de que a área ficasse livre para que o cerrado pudesse ser contemplado", aponta o autor da dissertação. "É bom que se diga que Lucio, homem muito educado, não foi contra a construção do Panteão. Ele chegou até a elogiá-lo."

Quando da construção da sede da Procuradora-Geral da República, Lucio Costa abdicou da elegância e chegou a declarar publicamente que Niemeyer "havia perdido o sentido da escala de Brasília", ainda segundo Francisco Lauande. O prédio espelhado e redondo da PRG destruiu a concepção original da praça, o de deixar a paisagem livre até o Lago Paranoá. O segundo anexo do STF completou o dano ao projeto de Lucio. De longe, os dois prédios juntam-se numa formação anacrônica e deselegante.

As intervenções nos arredores não chegaram a interferir na ideia de uma praça do povo. É nela que se concentram as principais manifestações políticas que vêm à cidade ou que nela nascem.



No alto, a praça no dia da inauguração. De cima para baixo, a demarcação da praça, o movimento de terra e o começo das obras

LEITURA

Brasília, a Praça dos Três Poderes, Francisco de Assis Lauande — Dissertação de mestrado em arquitetura apresentada à Universidade de Brasília em 2008. Disponível no catálogo da Biblioteca da UnB em arquivo on-line.

www.correiobraziliense.com.br



Acompanhe no *hotsite* mapas, filmes, fotos e textos que contam a história das obras de Brasília construídas até a inauguração.

» **LEIA NA EDIÇÃO DE 3 DE MARÇO DE 2012** — Ainda sob o efeito dos horrores da 2ª Guerra Mundial, o mundo acompanhou, assombrado e esperançoso, a construção de Brasília.